

A questão da raça no século XIX e no romance *Palmares* (1885), de Joaquim de Paula Souza

The matter of the race in 19th century and in the novel *Palmares* (1885), by Joaquim de Paula Souza

La cuestión racial en el siglo XIX y en la novela *Palmares* (1885), de Joaquim de Paula Souza

Recebido em 01-03-2022

Modificado em 01-05-2022

Aceito para publicação em 20-05-2022



<https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i2.39248>

122

Jaqueline Marinho dos Santos

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Brasil. Mestra em Ciências pelo mesmo programa (2020) e bacharela em História (2017) pela FFLCH-USP. E-mail: jaquel.martinho@gmail.com

Resumo

Publicado inicialmente no jornal *A Constituinte*, entre maio e julho de 1880, o romance *Palmares*, escrito pelo médico, fazendeiro e historiador paulista Joaquim de Paula Souza, ganharia sua primeira e única versão em livro cinco anos depois. Embora tenha como tema a vida dos paulistas do tempo colonial, aos quais se atribuiu a destruição de Palmares, essa obra também dialoga com seu contexto de produção e circulação, marcado pelo movimento abolicionista e pela presença ascendente das teorias científicas nos discursos dos intelectuais brasileiros. Dessa forma, sob a luz da historiografia que estuda o final do século XIX e discute essas teorias no Brasil, a proposta do artigo é analisar *Palmares* e compreender como um membro da elite de São Paulo percebia os diferentes grupos raciais.

Palavras-chaves: Romance; Fonte Histórica; Paulista; Teorias Científicas.



A origem “una” ou “múltipla” da humanidade segundo os teóricos do século XIX

As diferenças entre os homens sempre suscitaram debates acerca da origem da humanidade, contudo, foi somente no século XIX que houve, segundo Lilian Schwarcz, a “naturalização da diferença”, com a formulação de teorias que, embasadas em estudos antropológicos, defendiam a existência não de uma espécie humana, mas de diversas espécies humanas, originárias a partir de núcleos distintos. Antes desse período, o que se observou no mundo ocidental, na perspectiva europeia, foram falas isoladas ora defendendo os “selvagens”, isto é, os povos não europeus, como modelos para a civilização, ora enfatizando seu lado “decaído” e “degenerado”; apesar disso, prevalecia a opinião de que todos os homens provinham de uma única origem, conforme pregava a Bíblia Sagrada e podia se depreender da visão humanista da Revolução Francesa (Schwarcz, 1996:163).

Utilizadas para explicar o desenvolvimento material da Europa, que vivia a segunda fase da Revolução Industrial, e justificar as políticas imperialistas na África e na Ásia, essas teorias oitocentistas apontavam também as diferenças raciais e geográficas como causa para o progresso e o atraso das sociedades. Assim, basicamente, “os europeus do Norte eram raças ‘superiores’ e gozavam do clima ‘ideal’. O que, por certo, implicava em admitir, implicitamente, que raças mais escuras ou [de] climas tropicais nunca seriam capazes de produzir civilizações comparativamente evoluídas” (Skidmore, 1976:44).

Entre os expoentes do determinismo geográfico, está o inglês Henry Thomas Buckle que, em sua *História da civilização da Inglaterra* (1857-61), idealizou a exuberância da natureza brasileira – descrita como pomposa, luxuriante e fulgurosa, com “florestas emaranhadas” e “aves de esplendorosa plumagem”. Essa riqueza natural, no entanto, longe de se constituir em vantagens, parecia “desregrar-se na ostentação do seu poder”, não deixando nenhum espaço ao homem, que ficava “reduzido à insignificância” (1872:104-106 *apud* Skidmore, 1976:44-45).

Buckle nunca havia vindo ao Brasil, assim, a análise da geografia física do território brasileiro feita por ele foi baseada nos relatos de viajantes, extensivamente citados em sua obra. De acordo com as considerações desse historiador, em “nenhum outro lugar” houve tão difícil “contraste” entre a exuberância do meio ambiente e a insignificância do mundo interno. Nesse sentido, a “mente, acovardada por essa luta desigual”, foi impedida de avançar, necessitando do auxílio das nações europeias e de seu desenvolvimento técnico antes para não regredir do que para evoluir, já que nenhum progresso significativo havia sido observado em pleno século XIX (1872:104-106 *apud* Skidmore, 1976:45).

Entre os propagadores das ideias de Buckle no Brasil, está o crítico literário Silvio Romero, o qual traduziu as oito páginas de *História da civilização da Inglaterra* que abordavam o clima e a vegetação brasileiros e as publicou em diversos artigos lançados na Revista Brasileira, entre 1879 e 1880; e em sua obra *História da Literatura Brasileira*, de 1888. Segundo Romero, “raça e meio” eram fundamentais para refletir sobre a criação artística. Dessa forma, embora não concordasse com o argumento de Buckle, que via nas chuvas copiosas e nas florestas impenetráveis o problema do Brasil, quando, na verdade, o principal desafio do país seria a seca e o solo árido, os intelectuais que se dispusessem a pensar o destino da sociedade brasileira deveriam conhecer as ideias do historiador inglês (Skidmore, 1976:49; Saliba, 2002:s/p.).

Além do estudo de Buckle, outra obra amplamente consumida no Brasil foi *A origem das espécies* (1859), de Charles Darwin, cujo sucesso alcançado pode ser explicado, entre outras razões, devido à linguagem acessível, permitindo sua leitura por um público amplo. Com base nesse trabalho, monogenistas e poligenistas defenderam seu ponto de vista acerca da origem uma ou múltipla dos seres humanos, e conceitos como “evolução” e “seleção natural” acabaram sendo extraídos do campo das ciências naturais e introduzidos nos estudos sobre as sociedades (Schwarcz, 1996:54-55).

Por um lado, surgiram os evolucionistas sociais, que estudavam comparativamente os aspectos culturais humanos e, a partir de suas análises, classificavam os povos entre os mais e menos desenvolvidos. Apesar dessa hierarquização, segundo esses teóricos, ainda que nem todas as nações tivessem atingido o estágio mais avançado do desenvolvimento social – como os países europeus –, nenhuma sociedade estava impedida de alcançar o progresso, pois, em sua visão monogenista, toda a humanidade surgiu de uma única origem e caminhava para uma única direção (Schwarcz, 1993:57).

Por outro lado, os teóricos das raças, também chamados de darwinistas sociais, viam as raças humanas como espécies distintas, ou seja, “fenômenos finais”, “imutáveis”, cujas distâncias entre umas e outras equivaleriam à mesma entre o cavalo e o asno. Nesse sentido, a miscigenação era vista como um “erro”; e os mestiços, comparados a mulas, eram seres inférteis ou que perderiam sua capacidade reprodutiva em algumas gerações futuras. Acreditava-se que os tipos humanos ideais eram aqueles considerados racialmente “puros” e que o comportamento das pessoas estava condicionado ao grupo racial a que pertenceriam, excluindo, dessa maneira, a possibilidade de livre arbítrio (Schwarcz, 1993:58).

No darwinismo social, a noção de perfectibilidade – inicialmente idealizada por Rousseau, que defendia a capacidade humana de se sobrepor à natureza, podendo seguir seja em

direção às virtudes, seja em direção aos vícios –, perde o sentido negativo e passa a ser vista como um atributo somente das “raças civilizadas”, as quais caminhariam sempre para o progresso. O oposto da perfectibilidade seria a degeneração, para a qual estariam direcionadas as raças “não perfectíveis”, como os negros e os amarelos (Schwarcz, 1993:61-62).

Um dos mais conhecidos teóricos do darwinismo social no Brasil foi o conde francês Arthur de Gobineau, que defendia a incapacidade de desenvolvimento de países nos quais a miscigenação foi intensa, abrangendo todas as camadas da sociedade. Dessa forma, de acordo com sua visão, a sociedade brasileira estava condenada ao desaparecimento, já que era composta por uma população degenerada (essencialmente mestiça), incrivelmente feia, semelhante a macacos. A possibilidade de regeneração e do progresso do país estava unicamente condicionada à introdução de elementos racialmente superiores, que, na sua interpretação, eram nada menos do que imigrantes provenientes da Europa (Skidmore, 1976:47). Novamente, um estudioso europeu apresentava seu prognóstico negativo sobre o Brasil. Dessa vez, porém, em vez da natureza tropical – que para Gobineau era um aspecto favorável –, o elemento negativo era a constituição genética do povo.

Para Skidmore, o determinismo racial foi mais bem aceito nos Estados Unidos, “onde a separação das raças ‘superior’ e ‘inferior’ era um sistema muito bem institucionalizado” (1976:45). No entanto, as teorias raciais, assim como o evolucionismo social e o determinismo geográfico, penetraram a sociedade brasileira a partir da década de 1870, recebendo calorosa acolhida dos intelectuais que fizeram um “uso inusitado” delas, combinando-as e procurando disseminá-las não somente em artigos e revistas científicos, mas também em obras literárias (Schwarcz, 1993:32; 65).

Entre os literatos, além dos nomes já conhecidos do Naturalismo – a exemplo de Aluísio Azevedo e Júlio Ribeiro –, encontra-se o médico, fazendeiro, literato e historiador paulista proveniente da cidade de Itu, Joaquim de Paula Souza,¹ que esteve a par das teorias oitocentistas, conforme é possível perceber a partir da análise da natureza brasileira, bem como dos brancos, negros, indígenas e mestiços em seu romance *Palmares* (1885), como se verá na discussão da obra a seguir.

Devido à limitação deste artigo, longe de se realizar um estudo exaustivo da forma e do conteúdo do romance, o qual pode ser analisado sob diferentes vieses, aqui o objetivo é focar nos

¹ Nascido em 1833, na então Vila de Itu, Joaquim de Paula Souza, era filho do senador e conselheiro de Estado Francisco de Paula Souza. Graduou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1857 e, em 1858, partiu para uma viagem de estudos à Europa. Ao retornar ao Brasil, passou a exercer a clínica médica na cidade de São Paulo e, durante a guerra no Paraguai, prestou serviços voluntários na região do conflito. Além de médico, atuou como fazendeiro, higienista, dramaturgo, romancista e historiador. Entre suas obras, além de *Palmares*, estão *Guia médico do fazendeiro* e *Manual de literatura ou estudos sobre a literatura dos principais povos da América e da Europa* (Blake, 1883:221).

momentos em que Paula Souza traça um perfil dos personagens negros, indígenas e mestiços, revelando seus conhecimentos acerca do evolucionismo e do darwinismo social, bem como do determinismo geográfico. Dessa maneira, são selecionados alguns trechos da obra e, com base em obras historiográficas atuais que tratam do Brasil do final do século XIX e que discutem essas teorias no pensamento brasileiro, traça-se uma análise de *Palmares*, a fim de verificar qual é a concepção do próprio Paula Souza acerca dos grupos raciais considerados, na época, inferiores ou em estágio mais atrasado da evolução.

Uma análise sobre os “degenerados” em *Palmares*

Tendo iniciada sua publicação no jornal *A Constituinte*, coincidentemente, em 13 de maio de 1880, isto é, exatamente oito anos antes do fim do regime escravista no Brasil, *Palmares* aborda a destruição do maior e mais longo quilombo formado durante o período colonial brasileiro.

Publicado sob o pseudônimo “Jorge Velho”, Joaquim de Paula Souza, membro de uma das mais tradicionais famílias paulistas de então, compôs seu romance previamente, utilizando o rodapé do jornal mais como meio de publicação – distinguindo-se, assim, dos autores folhetinistas da época que escreviam por necessidades financeiras quase ao mesmo tempo em que publicavam os romances-folhetins nos jornais e, portanto, sem muito tempo de rever seus textos, recheados de contradições e peripécias.²

Chega-se a essa conclusão com base na leitura do romance e na verificação da linguagem utilizada pelo autor e por meio do artigo que anuncia o romance publicado em 13 de maio de 1880, em *A Constituinte*.

De autoria desconhecida, mas que poderia ter sido escrito pelo próprio Paula Souza, o artigo diz que, sendo “baseado na história”, se trata de um “romance verdadeiro em todas as suas partes”. Ainda segundo o artigo, a história está dividida em duas partes, o que, mais tarde, se verifica na versão em livro: na primeira parte da obra, era necessário explicar “como, pela vida fragueira [sic], tornaram-se os paulistas capazes de sobrepujar todos os elementos contrários, vencer fomes e fadigas, para, na segunda parte, desenvolver aquela vida de privação, de soldado, que deu em resultado, a conquista de Palmares”.

Assim, ao contrário do que o título poderia sugerir, a narrativa não é centrada nos palmarinos, que ao longo do século XVII foram capazes de resistir às muitas incursões militares coloniais sobre o território quilombola, mas sim na contribuição dos paulistas, repleta de

² Ver, por exemplo, o clássico estudo de Marlyse Meyer (2005) sobre o gênero folhetinesco.

divergências historiográficas, para a destruição de Palmares. Logo, não é por acaso que o enredo do romance se desenvolve em meados de 1690, após a contratação de Domingos Jorge Velho pelo governo português para dar fim a Palmares, a despeito da longa história do quilombo.

Escrito no momento de radicalização do movimento abolicionista brasileiro, época em que as teorias científicas ganham cada vez mais adesão no meio científico e intelectual, *Palmares*, ainda que tenha como enredo o período seiscentista, dialoga com muitas das questões de seu tempo de produção e circulação. Com base na análise do pseudônimo utilizado pelo autor, seja na publicação da primeira parte do romance em folhetim, interrompida com a morte repentina de *A Constituinte* em julho de 1880, seja na publicação em livro, em 1885, pela Editora Laemmert, verifica-se sua identificação com o bandeirante Domingos Jorge Velho, do qual Washington Luís afirmou ser Paula Souza descendente,³ em um artigo sobre a pintura “Domingos Jorge Velho e o Lobo-tenente Antonio Fernando de Abreu”, de Benedito Calixto,

Ademais, uma vez que era fazendeiro e, portanto, proprietário de escravos de São Paulo, uma das maiores províncias escravistas da época, era provável que Paula Souza fosse pró-escravidão, identificando, assim, *Palmares* como um “Estado dentro do Estado”, e os bandeirantes paulistas como figuras heroicas da história nacional, em um momento em que a província perdia seu provincianismo tradicional e avançava rumo à grande metrópole.

O mito dos bandeirantes, iniciado com a obra dos historiadores do século XVIII Pedro Taques e o Padre Gaspar da Madre de Deus, começa a ser resgatado naquele final de século XIX, juntamente com a adesão de muitos escritores brasileiros às teorias científicas que adentravam o pensamento intelectual.

No entanto, essa influência não deve ser compreendida como uma mera reprodução de ideias estrangeiras. No caso de Joaquim de Paula Souza, em momento algum no romance, ele chega a citar qualquer um dos teóricos do evolucionismo ou do darwinismo social. Dessa maneira, seria impossível classificar o romancista dentro de uma ou outra corrente teórica de pensamento; ainda que, na ficção, prevaleça a ideia de mestiçagem como fator desfavorável, pois o indivíduo resultante do cruzamento entre duas raças tenderia a receber as características negativas de seus pais, tal como pensavam os poligenistas.

³ Para realização de sua pintura *Domingos Jorge Velho e o loco-tenente Antônio Fernandes de Abreu*, Benedito Calixto pede a opinião de dois historiadores sobre como deveria retratar a figura do bandeirante Jorge Velho: se com roupas militares ou como mestre de campo paulista. As cartas endereçadas a Washington Luís e a Antônio Piza, que, por sua vez, repassou-a a Teodoro Sampaio foram escritas no final de 1902. Em 1903, Antônio Piza divulgou as duas cartas endereçadas ao pintor, no jornal *Correio Paulistano*, em 28 de fevereiro de 1903, revelando a opinião dos historiadores. Segundo se lê da carta de Washington Luís, que chega a citar a obra *Palmares* para descrever as supostas características físicas de Jorge Velho e de Antônio Fernandes de Abreu, Joaquim de Paula Souza seria descendente do bandeirante ao qual ficou a fama por ter destruído o maior quilombo do período colonial.

Firmo⁴ e Gangazona⁵, por exemplo, são dois personagens do romance identificados como “mestiços” e que teriam herdado o “pior das duas raças” das quais descendiam, isto é, a branca e a negra. No caso de Firmo, ainda seria possível considerar uma herança indígena, pois ele não só pertencia à famosa aldeia dos Pinheiros, em São Paulo, de onde havia partido com outros indígenas para guerrear contra os palmarinos, mas também foi descrito como “tendo mais de mulato que de caboclo” (Velho, 1885:167), o que sugere uma ascendência também indígena. Nesse personagem, “baixo e grosso e de nariz chato”, está representado o vil vingativo e traidor, que abandona o terço dos paulistas para se juntar aos quilombolas.

Já Gangazona, visto como imponente, incorpora a figura do anti-herói, sendo, assim, o contraposto do belo e jovem Manoel de Barros, paulista que vai à guerra no terço de Domingos Jorge Velho para lutar contra Palmares, acompanhado de sua fiel cadela Pinduca e de seu “amigo” Brasília, o qual, mais tarde, revela-se ser uma bela jovem cabocla. Irmão de Zumbi por parte de pai e chefe das armas em *Palmares*, Gangazona era um “colosso” que apresentava ser “um produto africano, ainda aumentado no país, tão notável pela imensa fertilidade e selvageria” (Velho, 1885:201). Na representação do palmarino, Paula Souza parece aproximá-lo de um primata:

O Gangazona era um preto alto e robustíssimo. Seu corpo enorme, os membros compridos e grossos, a cara grande, os traços grosseiros, pareciam talhados a machado. Juntava à grandeza uns modos e ar tão asselvajados, que de primeiro golpe infundiam espanto e medo.

A cabeça era pequena, mas a carapinha era tão alta que parecia ela grande; a testa era curta, e fugia para trás, os olhos pequenos, as maçãs do rosto salientes, nariz chato, os lábios grossos, boca grande, com dentes alvos. O que sobretudo dava uma expressão singular ao rosto eram os olhos. Eram estes tão pequenos e cobertos pelas pálpebras caídas e empapuçadas, que quase de todo os vendavam, que fazia-se preciso levantar ele o rosto, para ver bem o que lhe ficava na sua altura; entretanto nada lhe escapava (Velho, 1885:200).

De acordo com a craniometria do século XIX – ciência que se dedicava ao estudo das proporções do cérebro humano, a fim de determinar a capacidade intelectual dos indivíduos –, a “cabeça pequena” de Gangazona, desproporcional ao restante do corpo, juntamente com a “testa curta”, que “fugia para trás”, seria indicativo de baixo nível de moralidade e de qualidades intelectuais. Não foi à toa, portanto, que a aparência física do “rei negro” refletia seu comportamento soberbo, que levava tudo a “brutamontes”, não compreendendo nada de estratégias militares e, por isso, colocando em risco o quilombo dos Palmares.

A mestiçagem seria indesejada até mesmo entre os cães criados pelos paulistas para acompanhá-los no exercício da caça. Segundo Paula Souza, eram os cães de raça pura muito

⁴ Pertencente à aldeia dos Pinheiros, foi à Palmares para lutar ao lado dos paulistas, mas que acabou se juntando com os palmarinos. Seria descendente de branco, indígena e negro.

⁵ Irmão de Zumbi e um dos chefes das armas de Palmares.

superiores a todos os demais que possuíam mistura de raças. Por isso, aqueles que apresentavam “mancha de bastardia, que não eram de raça inteira e os que tinham defeitos que os tornassem impróprios à caça, iam à água com uma pedra ao pescoço” (Velho, 1885:53).

Os paulistas orgulhavam-se de conhecer a linhagem de seus cachorros, “de certo mais antiga do que a dos cavalos ingleses, pois data de pouco depois de povoada a capitania de S. Vicente”, e, assim, utilizavam-se de muito critério para estimular o cruzamento entre eles. Como resultado, os cães adquiriam “boas qualidades físicas e morais”, evitando-se a reprodução de “defeitos e más partes” (Velho, 1885:53).

Entretanto, era possível encontrar mestiços que, fugindo à regra, possuísem grandes qualidades, confundindo-se com os elementos de raça branca ou de raça pura (no caso dos animais), tanto entre os humanos quanto entre os cães. Com relação aos cães, o exemplo é a própria Pinduca, a cadelinha resgatada da morte por Manoel de Barros. Durante as caçadas, ao contrário do que previa Pedro Vaz, pai de Manoel, ela se mostrou bastante inteligente e ativa, sem que “levantasse imundícia” – caça que não era veado ou anta (Velho, 1885:52). Entre os seres humanos, está Brasília, ou Brasília – embora fosse mais branca do que indígena –, dotada não apenas de nobres qualidades morais como também de grande beleza física.

Quando se compara os exemplos de Brasília, de Gangazona e de Firmo, pode-se verificar que a visão negativa a respeito da mestiçagem prevalece quando se trata da mistura de negros e de brancos, e não de brancos e de indígenas. Apesar disso, Paula Souza preferiu a morte da “caboclinha” no final da trama ao seu casamento com o herói Manoel de Barros, mantendo, assim, uma suposta pureza racial que teria sido cultivada pelos antigos habitantes de São Vicente, com exceção de João Ramalho e de alguns outros primeiros colonos portugueses no início da fundação da capitania (Velho, 1885:155).

Na Carta Dedicatória, o autor chega a fazer um elogio aos mestiços – representados, segundo ele, por Gonçalves Dias, Pombal e o duque de Saldanha –, distanciando-se, nesse momento, da visão prevalente no romance e do pensamento de teóricos poligenistas.

Se é simpática a caboclinha Brasília, que simboliza essa raça mestiça, é que quanto mais conhecida, mais estimada há de ser. Esse sangue que deu à língua portuguesa o escritor de mais coração, como foi Gonçalves Dias, e a Portugal o maior político e o maior guerreiro dos tempos modernos, como foram Pombal e o duque de Saldanha, merece mais atenção. Se me fosse a alongar neste sentido, muito podia apresentar, que faria apreciada a raça mestiça, que forma a maior parte da classe inferior de S. Paulo. Amigos do seu amigo, bondosos e dedicados em excesso, no caboclo, e no descendente do português que mora na roça, é que está a poesia que Alencar, apesar do grande talento, não pode encontrar nos homens e mulheres da corte (Velho, 1885:11).

Em outros momentos da Carta, porém, Paula Souza nega ter havido “sangue branco pelos matos” e que os mestiços existentes tivessem constituído o Brasil, que seria “filho de Portugal” (Velho, 1885:10⁶).

Se os mestiços eram vistos de forma ambígua pelo autor, o mesmo se pode dizer dos negros e dos indígenas. Zumbi foi descrito como um belo homem entre seus 36 e 38 anos, de “agradáveis feições”, “de boa estatura” e “bem proporcionado”, apesar da cor preta retinta, dos lábios muito rubros, dos dentes e do branco dos olhos serem excessivamente alvos. De acordo com o narrador, era “crioulo”, o que, no dicionário do século XIX, significa “negro nascido no Brasil” (Velho, 1885:224; Beaurepaire-Rohan, 1889:52).

Nascera nos Palmares.

Filho do Gangassuma e neto do Zumbi, general negro que fora ferido em uma perna nos combates de 1678, herdara ele as qualidades guerreiras do avô, do qual tomara o nome, e o valor.

Desde pequeno, o chamavam Zumbi, porque Zumbi, ou general de guerra, era seu avô; e mais que tudo porque suas inclinações, coragem e mais partes guerreiras, fizeram com que lhe pegasse o nome, e fosse por ele conhecido, mesmo depois de rei dos Palmares.

Nenhum outro se lhe avantajava nos exercícios ginásticos, e além da força, possuía tal inteligência, que reconheciam-o [sic] todos como o mais hábil general de guerra.

(Velho, 1885:224).

Na criação de sua personagem, Paula Souza nega que o Zumbi com quem Domingos Jorge Velho lutou fosse o mesmo que, em 1675, na Campanha de Manuel Lopes, conforme afirma Edson Carneiro – em vez de 1678, como aponta o romancista –, havia sido baleado e ficado “aleijado em consequências de ferimentos na perna” (Carneiro, 1988:40).

De acordo com a historiografia, Zumbi era sobrinho, e não filho do rei Ganga-Zumba, o qual, após os ataques de Fernão Carrilho em 1678, buscou promover a paz com a Coroa portuguesa, sendo, por isso, envenenado pelos apoiadores de Zumbi, desfavoráveis à paz. Este, por sua vez, então “general das armas do quilombo”, passou a governar Palmares até o fim da guerra com a tropa liderada por Jorge Velho. Após esse acontecimento, Zumbi refugiou-se em um esconderijo – com quatorze homens em “postos de emboscada” e seis homens, além dele próprio, em um sumidouro –, mas em 20 de novembro de 1695 acabou descoberto e morto por alguns homens do terço paulista (Carneiro, 1988:69; 165).

Não é possível afirmar se Paula Souza desconhecia todos esses detalhes sobre a história dos Palmares ou se intencionalmente os modificou, a fim de idealizar Zumbi, aproximando o perfil do chefe negro com o de um verdadeiro herói romântico e, com isso, assemelhando-o, em certa medida, a seu adversário paulista, também romantizado na história. Essa idealização, no

⁶ Em sua Carta dedicatória, o autor tece diversas críticas a José de Alencar e sua idealização da figura dos indígenas. Dessa forma, ao afirmar que Brasil seria “filho de Portugal”, o paulista, talvez, estivesse rejeitando a ideia central do romance *Iracema*, em que da união de uma indígena com o português Martim nasce Moacir, o primeiro brasileiro (Alencar, 2011).

entanto, teria o principal efeito de exaltar Domingos Jorge Velho, o qual teria derrotado tão ilustre adversário.

A justificativa para esse raciocínio está no fato de que, apesar da imagem positiva de Zumbi, para Paula Souza a “raça preta” nada havia feito até então e, sendo “tão inferior”, seria impossível desejar que os palmarinos tivessem levado a melhor na guerra dos Palmares, como ele sugere que teriam pensado alguns de seus contemporâneos. Assim, não seria de “admirar” que tivessem sido apresentados no romance “brancos tipos distintos como a família de Pedro Vaz de Barros, o padre Belchior de Pontes e Brasília [aqui vista como branca, e não como mestiça]”; e, entre os negros, “tão cheio de defeitos como o Zumbi e Gangazona”. Zumbi, no entanto, teria como único defeito apreciar em demasia o “belo sexo”, comportamento que Paula Souza acaba relevando (Velho, 1885:9).

Denominado “filho de Cam”, o negro seria “petulante, cheio de si” e “sempre disposto a elevar-se por ignorância”. Isso porque seguiam “a paixão do momento, obedecendo a fetiches”, sem saber o que fazia. “Preguiçoso, amigo de gulodice” teria “noção obscura do meu e do teu” e, como criança grande, sem senso de responsabilidade, gastaria “tudo para trazer brincos à mulher”, contudo sofreria de “falta de alimento por descuido”. Preferia os feiticeiros, que tudo lhe prometiam de pronto, à religião, da qual não via benefício imediato. O negro não teria a “inteligência lógica da raça branca”, e sim grande imaginação, que lhe fazia exaltar-se e acreditar nas qualidades que imaginava nele próprio. “Os pretos e mestiços, em toda a parte inferiores aos outros homens, sempre se supõem superiores” (Velho, 1885:231).

Em relação às manifestações culturais de origem africana, as críticas não seriam menores. Segundo o narrador de *Palmares*, “a música e o canto dos negros” apenas poderiam “dar prazer às raças atrasadas”, já que se compraziam com “instrumentos grosseiros e primitivos”, como o tambor e tambaque, e possuíam um canto repetitivo, de “monótona toada que para os outros seriam um martírio”. Na mímica, porém, os negros revelavam-se como os mais hábeis, graças a um corpo “flexível e destro”, que “a custo” poderiam os “melhores brancos” rivalizar (Velho, 1885:231).

Como muitos teóricos do período oitocentista, Paula Souza considera brancos, negros, indígenas e mestiços possuidores de habilidades e defeitos de acordo com cada raça – sendo os brancos aqueles de menores defeitos e maiores qualidades. Os adjetivos depreciativos utilizados para se referir aos negros não refletem, portanto, um pensamento exclusivo de Paula Souza, e sim de boa parte dos intelectuais do século XIX, incluindo literatos e políticos que se posicionavam abertamente contra a escravidão, a exemplo do escritor Júlio Ribeiro e do

abolicionista Joaquim Nabuco, imbuídos da leitura de teóricos do evolucionismo e do darwinismo social,

No capítulo X de *A Carne*, romance de Júlio Ribeiro, é descrita uma festa de escravos, ocorrida após uma carpa; e os qualificativos dos quais o narrador se utiliza para retratar a cena não foram mais simpáticos do que aqueles observados em *Palmares*. Tanto Paula Souza quanto Júlio Ribeiro usaram o termo “grosseiro” para se referir aos instrumentos musicais usados nas festas dos negros. Além disso, ambos os autores chamaram a atenção para a flexibilidade do corpo dos escravos e dos quilombolas, com seus excessos de movimentos, que seriam supostamente impossíveis de serem reproduzidos por indivíduos da raça branca.

Ao som de instrumentos grosseiros dançavam: eram esses instrumentos dois atabaques e vários adufes.

Acocorados, segurando os atabaques entre as pernas, encarapitados, debruçados neles, dois africanos velhos, mas ainda robustos, faziam-nos ressoar, batendo-lhes nos couros, retesados, às mãos ambas, com um ritmo, sacudido, nervoso, feroz, infrene.

Negros e negras formados em vasto círculo agitavam-se, palmeavam, compassadamente, rufavam adufes aqui e ali. Um figurante, no meio, salteava, baixava-se, erguia-se, retorcia os braços, contorcia o pescoço, reboia os quadris, sapateava em um frenesi indescritível, com tal prodigalidade de movimentos, com tal desperdício de ação nervosa e muscular, que teria estafado um homem branco em menos de cinco minutos (Ribeiro, 2015:149-150).

Nesse trecho da obra, o narrador admira-se com o fato de que um “preto, sujo, desconforme, hediondo, repugnante”, possuísse uma voz “fresca, modulada, de um timbre sombrio” e de uma “doçura infinita”. Em seguida, ao apresentar Joaquim Cabinda, um velho feiticeiro octogenário, “inútil para o trabalho” e que vivia em um paiol abandonado sob licença de seu antigo senhor, o narrador compara-o a uma “hiena fusca, vagarosa, covarde, feroz e repelente” (Ribeiro, 2015:150-152).

Joaquim Nabuco, por sua vez, atribui à escravidão o “desenvolvimento mental atrasado”, os “instintos bárbaros” e as “superstições grosseiras” da raça negra. De acordo com ele, a introdução de africanos no Brasil, ao longo do período colonial, por homens que “não tinha o patriotismo brasileiro”, fez com que o país se africanizasse e se saturasse “de sangue preto”. “Cada ventre escravo dava ao senhor três ou quatro *crias* que ele reduzia a dinheiro; essas por sua vez multiplicavam-se, e assim os vícios do sangue africano acabavam por entrar na circulação geral do país” (Nabuco, 2000:98-99).

Além disso, a presença de escravos domésticos teria permitido, mesmo entre a classe dos notáveis, a “corrupção da língua, das maneiras sociais, da educação e de outros tantos efeitos resultantes do cruzamento com uma raça num período mais atrasado de desenvolvimento” (Nabuco, 2000:101-102).

Sob outra perspectiva, era senso comum da época a bondade características dos negros, que teria impedido o azedamento, coletivamente falando, da “alma do escravo contra o senhor” (Nabuco, 2000:16). Para Paula Souza, a raça negra é bastante afetuosa. “Em afetuosidade e bondade estão acima dos brancos. O natural negro é humano em extremo. É uma exceção o assassinato e ferimento feito por um negro”. Entretanto, quando “excitados, quando fora de si, pela exaltação do fanatismo ou ira, então são feras, capazes dos maiores excessos, bem como as naturezas impressionáveis” (Velho, 1885:231-232).

A humanidade e, ao mesmo tempo, a ferocidade dos negros quando exaltados são os traços que os aproximam dos indígenas, sobre os quais Paula Souza também cria uma imagem estereotipada, ora ressaltando sua cultura guerreira, ora enfatizando seus costumes nômades, ora sua bondade e dedicação aos brancos, ora seu lado selvagem. A guerra seria o estado natural dos nativos, capazes de sofrer “incômodos, fomes, frios, como nenhum outro povo”. Diferente dos negros, os nativos nunca se revoltariam:

Dotados de imensa bondade, de qualidades femininas, são eles de uma incúria, que faz nulificar as boas qualidades. Têm a existência trabalhosa e fragueira [sic]. Seu corpo, acostumado ao clima e bruteza, se desenvolve no meio das intempéries e obstáculos. Rudes como as selvas, em que vivem, suas paixões são a montaria, a pesca e a guerra. Tendo de viver em luta diária, para alcançar uma presa difícil, não tendo recursos se não na própria atividade, não podem ter doçura de costumes, não têm tempo para despender em ternuras. Mas a que lhes falta em palavras, sobra em atos de dedicação e bondade para os que ama.
São rústicos, vingativos, ferozes, não se os pode entretanto dizer maus (Velho, 1885:156-157).

A contradição no retrato traçado por Paula Souza está em apontar a “incúria” e a vida fagueira dos indígenas e, ao mesmo tempo, sua “existência trabalhosa” e “luta diária, para alcançar uma presa difícil”. No capítulo “Uma casa do tempo antigo”, os “bugres” são denominados “preguiçosos e nômades”, que viviam “vadiando e fazendo o que a eles lhe apetecia”; trabalhando, assim, o mínimo para sua sobrevivência (Velho, 1885:25). A preguiça e a falta de cuidado dos nativos para com eles próprios, bem como a imprudência dos negros – que levavam brincos às mulheres, mas sofriam por falta de alimento –, pareciam, assim, justificar o papel tutelar dos brancos para com as demais raças.

Nesse sentido, Paula Souza está em concordância com Francisco Adolfo de Varnhagen, um dos autores mencionados pelo romancista em *Palmares* que, em 1852, apresentou o texto “Como se deve entender a nacionalidade na história do Brasil?” à Academia de História de Madri – posteriormente reeditado e inserido na primeira edição de sua obra *História Geral do Brasil*, com o título “Discurso preliminar – Os índios perante a nacionalidade brasileira” (Moreira, 2010:60).

Segundo Moreira, nesse texto, o historiador do século XIX defende que as terras do Brasil nunca pertenceram aos indígenas, os quais, além de serem poucos, restringiram-se a percorrê-las como nômades, sem cultivá-las. Em sua opinião, os nativos não mereceriam nem mesmo a designação de “bárbaros”, e sim de “selvagens”, vivendo na lei natural da família ou da tribo, escravos de sua própria liberdade. Apesar de considerá-los perfectíveis, para Varnhagen os indígenas não eram capazes de se desenvolver por estímulos endógenos, necessitando, portanto, da “ação externa e coativa dos povos civilizados” (Moreira, 2010:61).

Mesmo estando em concordância com certas ideias de Varnhagen, no que se refere aos aspectos preguiçoso, despretensioso, irresponsável e nômade atribuídos aos indígenas, o romancista, diferente do historiador, não considerava os nativos um entrave para o progresso do Brasil, visto que a “amizade” entre paulistas e indígenas teria garantido as conquistas territoriais aos habitantes de São Vicente e os tornado tão afamados durante e após o período colonial. Ademais, tal como Rousseau e Gonçalves de Magalhães no Brasil, que seria um exemplo de “intelectual ‘romântico’”, segundo Varnhagen (Moreira, 2010:62), Paula Souza também enxerga os indígenas como o *bom selvagem*, conforme se verifica nos exemplos de alguns personagens de seu romance, entre os quais Coração de Ouro, chefe indígena que habitava os Palmares e era o braço direito de Zumbi.

Além de Brasília, a amizade entre paulistas e indígenas na ficção foi também observada na figura de um “índio velho, mas ainda robusto”, que habitava a residência da família Pedroso de Barros. Durante os preparativos para a partida dos paulistas recrutados por Jorge Velho, esse indígena surgiu e desapareceu em um instante, somente para depositar na arca em que Pedro Vaz guardava suas joias um rolo de ouro. Essa prática se repetiu outras duas ou três vezes, sempre que o índio velho julgava necessitar de recursos o “Pai Guassu” [“Guaçu”, “grande” em tupi] (Velho, 1885:166).

Durante a guerra dos Palmares, a bondade dos indígenas para com os paulistas revela-se mesmo quando estes lutaram em lados distintos – ainda que isso signifique uma quebra de verossimilhança na ficção. Enquanto saíam do quilombo dos Palmares, no qual haviam entrado antes do embate final entre as forças coloniais e os palmarinos, Manuel de Barros e Brasília deparam-se com Coração de Ouro, que, ao invés de os aprisionarem ou matarem – uma vez que eram inimigos –, deixa-os livres, advertindo-os de não retornarem mais ao quilombo, pois o perdão de Zumbi seria dado somente da primeira vez. Velho, apelido de Manuel de Barros na ficção, como se conhecesse o guerreiro indígena, ao reconhecer-lhe a voz responde: “– Obrigado, Coração de Ouro (...). Bem mereces o nome; tens um coração de ouro” (Velho, 1885:260).

Em outra cena, Coração de Ouro é alvejado no peito por Manuel Penteado e, como punição, atira uma flecha no adversário, no mesmo local em que havia sofrido a ferida. Entretanto, a flechada pouco dano causa a Manuel Penteado. Segundo o narrador, Coração de Ouro, quando sofreu o ataque, passava “ligeiro como um cervo, por diante da companhia do capitão Penteado”. O tiro fez o guerreiro indígena parar por um instante, “e viu-se então em toda a perfeição da selvática beleza. Era grande e belo. Vestido com traje de guerra, tendo um grande coração pintado sobre o peito, o índio com a mão marcou que lhe atirara e sumiu-se” (Velho, 1885:178).

Assim, naturalmente bons, os indígenas possuíam alguns defeitos – que “fazia nulificar as boas qualidades” –, decorrentes, talvez, do meio em que viviam: as exuberantes florestas brasileiras, as quais, como se verificou na opinião de Buckle, causavam um entorpecimento nos homens, diminuindo sua capacidade de ação. Uma das cenas em que, indiretamente, o romancista ratifica a ideia do historiador inglês ocorre depois de Manuel de Barros descobrir não ser correspondido em seu amor pela filha do Capitão Cerveja – um habitante da vila de São Paulo e dono de um comércio de secos e molhados, que havia recebido essa alcunha devido ao hábito de viver embriagado constantemente. Para curar as dores da paixão frustrada, o jovem se refugia na floresta, onde encontra a calma para seu sofrimento. Na tese de Paula Souza:

O primeiro movimento do homem que sofreu uma grande dor, diante da natureza sempre nova e sempre bela, é o do desespero. O homem irrita-se, ao vê-la indiferente e insensível aos sofrimentos humanos. Aumentam-se os sofrimentos ao ver que não são partilhados.

Depois, aquela calma augusta se infiltra no homem, e ele ganha alguma coisa da sua grandeza, paz e serenidade.

Faz ela elevar-se, olhar de ponto mais alto, superior às misérias e pequenezas [sic] passageiras.

Tudo passa; os homens morrem. A natureza é sempre a mesma e bela sempre.

Perto daquela mãe fecunda, nossas inquietações se acalmam, nossas fraquezas desaparecem, nossas forças voltam. Em seu seio recobramos forças; todos somos Anteos.

Velho sentia grande alívio perto dela; escondia-se com sua tristeza, só no meio da floresta.

Apodera-se de todo aquele que por demais vive no seio da floresta, um grande entorpecimento físico e moral.

Este torpor, se é um alívio, também faz cair em um quase sono. Quando nos absorvemos por demais em sua contemplação, nosso corpo se liga à terra, donde veio, e nossa alma ala-se aos céus, donde descende. O corpo, queda extático, absorto; a alma tendo-o quase de todo abandonado, o deixa no estado dessas criaturas animadas que têm um espírito inferior. Vê-se, então, tudo como em sonho (Velho, 1885:110-111).

Na crítica acerca do romance publicada em *A Província do Espírito Santo: Diário Consagrado aos Interesses Provinciais*, em 26 de abril de 1885, o redator aponta que a única “pintura” que lhe pareceu “mais exata” realizada por Paula Souza, sob o pseudônimo de Jorge Velho, foi o trecho acima, em que se observa “a passagem de Barros (o velho) da vida cheia de

enlevos pela filha do capitão Cerveja, para a solidão da mata, onde buscou esquecer o malogro do seu amor”.

Provavelmente, adepto as ideias de Buckle, o redator também acredita na inegável ação “entorpecente da floresta”, cujo “efeito na Índia, em que tem algum viço, e no Brasil, em que é este maior”, é evidente:

Essa adoração instintiva pela natureza vem em todos os lugares em que a natureza é pujante, e o homem fraco.

A calma da natureza dá grande alívio. Embebe-nos em vago devaneio, identifica-nos com a natureza que nos cerca. Anula as sensações. Faz ver tudo bem; mas em proporções maiores, mais belas, fantásticas. Impossibilita a ação. Desaparece o homem diante da criação, para não ser mais que pequena parte dela.

Diante disso, Manuel de Barros, que se interna na natureza, torna-se “inativo, absorto, embebido em excesso na contemplação da natureza”. Sem realizar qualquer movimento, conservando-se “horas admirando-a extático”, o personagem ainda pertencia “ao mundo animado”, somente “pela sensação”; já que quase se confundia com a “natureza inanimada que o cercava e subjugava”:

A ação da natureza torna contemplativo os brahmanes e os nossos índios, dominados de todos pela bruteza da terra. Adora-a o escravo cegamente; tudo vê então vagamente através de uma névoa.

Fica o homem nesse estado intermediário entre o racional e o irracional, entre o homem e o pássaro.

O pensamento ainda vive. Elabora a custo um hino de amor à natureza em que se quisera fundir enquanto o corpo fica inerte, como morto (Velho, 1885:112).

Paula Souza deixa claro não ser contra a “contemplação da natureza”, por meio da qual os homens alargariam seus horizontes, fazendo-os entender o mundo. Contudo, a “contemplação solitária em excesso” levaria “ao estado dos povos estúpidos da Índia” (Velho, 1885:112).

O estado de inatividade que sofre Manuel de Barros permanece por, praticamente, todo o capítulo quarto da primeira parte da obra – denominado “Contemplação e ação”. A recuperação do paulista apenas ocorre com a entrada em cena de Brasília; com a vingança promovida contra o Capitão Cerveja, isto é, por Manuel julgar que o morador da vila de São Paulo se utiliza da beleza de sua própria filha para fazê-lo se embriagar e comprar diversos produtos de sua loja, aplicando-lhe, assim, uma lição; e com sua partida para Palmares.

Portanto, brancos, negros, indígenas e mestiços estavam, na visão de Paula Souza, sujeitos à ação entorpecedora da natureza, ficando reduzida a “potência concentrada do espírito humano” e ativando “o instinto dos animais, o rastejar do inseto e o torpor da árvore” (Velho, 1885:112). A diferença, porém, é que os brancos pareciam sofrer essa ação narcótica de forma voluntária, quando buscavam a solidão no seio da floresta para a cura de algum sofrimento.

Considerações finais

Na edição em livro de sua obra, Paula Souza caracterizou-a como “romance nacional histórico”, alegando ter se utilizado de documentos do período colonial, de trabalhos de historiadores do século XVIII e XIX, além da tradição oral para traçar o perfil e o estilo de vida de seus personagens paulistas e para narrar os fatos acerca do quilombo dos Palmares. Contudo, como visto, muitos fatos foram distorcidos pelo autor, a exemplo do Zumbi da ficção, belo e perfeito, e não o que teria sofrido uma mutilação após ser baleado pelas forças coloniais; além disso, outros personagens podem ser classificados, simplesmente, como produtos da imaginação do autor, sendo eles Brasília (ou Brasília), Firmo e o Capitão Cerveja.

Apesar de ambientar seu romance no período colonial, inserindo personagens históricos paulistas daqueles tempos, em *Palmares* discute-se questões acerca da escravidão e da liberdade dos escravos em um período em que se acirrava o movimento abolicionista brasileiro – tema que acabou não sendo explorado em profundidade no artigo – e é apresentada uma leitura de Paula Souza acerca das teorias científicas, que, com base em pesquisas e em certos métodos aplicados nas ciências naturais, tiveram o intuito de explicar o funcionamento das sociedades e as diferenças entre as raças.

No Brasil, essas teorias foram lidas e digeridas de modo que atendessem aos interesses das elites e sustentassem seus projetos de desenvolvimento do Brasil, sendo, entretanto, veiculadas para o grande público em jornais, revistas e romances. Como médico, membro da elite paulista e, em certo sentido, da intelectualidade de São Paulo, Paula Souza mostrou estar a par das discussões sustentadas por pesquisadores estrangeiros, e mais tarde brasileiros, acerca das diferenças entre as raças humanas e do suposto efeito da natureza sobre o caráter de homens e mulheres, já que foi possível identificar em *Palmares* algumas das premissas de, pelo menos, três dessas teorias: o evolucionismo social, o darwinismo social e o determinismo geográfico.

Com base no conhecimento de alguns dos argumentos usados nessas teorias e a partir da leitura do romance, conclui-se que, além dos brancos, em *Palmares* traça-se um perfil dos negros, dos indígenas e dos mestiços repleta de contradições, ora exaltando suas qualidades ora seus defeitos, mas, no geral, a ideia que prevalece é a imagem negativa dos negros e dos indígenas e a justificativa do lugar social de cada grupo racial, com os brancos no topo.

Referências

• Jornais

A Constituinte: órgão liberal, 1879-1880.

A Província do Espírito Santo: Diário Consagrado aos Interesses Provinciais.

Correio Paulistano, 1903.

ALENCAR, José de (2011), *Iracema*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Tenente general Visconde de. *Diccionario de Vocabulos Brasileiros*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.

BLAKE, Augusto Victorino A. S. (1883), *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Typographia Nacional.

CARNEIRO, Edson (1988), *O quilombo dos Palmares*. 4 ed. São Paulo, Editora Nacional; Brasiliiana.

MEYER, Marlyse (2005), *Folhetim: uma história*. São Paulo, Companhia das Letras.

MOREIRA, Vânia (2010), “O ofício do historiador e os índios: sobre uma querela no império”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 30, n. 59, pp. 53-77 [Consult. 01-04-2022]. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-01882010000100004>

NABUCO, Joaquim (2000), *O abolicionismo*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira; São Paulo, Publifolha.

RIBEIRO, Júlio (2015), *A carne*. São Paulo, Ateliê Editorial.

SALIBA, Elias (2004), “História, memórias, tramas e dramas da identidade paulistana”, in A. Duarte *et al.* (orgs.), *História da cidade de São Paulo*. São Paulo, Paz e Terra, pp. 559-561.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (1996), “As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX. O contexto brasileiro”, in L. M. Schwarcz e R. S. Queiroz (orgs.), *Raça e diversidade*. São Paulo, Edusp.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (1993), *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras.

SKIDMORE, Thomas E. (1976), *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo, Paz e Terra.

VELHO, Jorge (1885), *Palmares: romance nacional histórico*. Rio de Janeiro, Editora Laemmert & C.

Abstract

Initially published in the newspaper *A Constituinte*, between May and July 1880, the novel *Palmares*, written by the Paulista physician, farmer and historian Joaquim de Paula Souza, would soon have its first and only book version five years later. Although it has as theme the life of the Paulistas of the colonial period, to whom the destruction of Quilombo dos Palmares was attributed, this work also dialogues with its context of production and circulation – distinguishable by abolitionist movement and by rising presence of scientific theories among the debates of Brazilian intellectuals. Thus, under the historiography light that studies the end of the 19th century and these theories in Brazil, the aim of the article is to analyze *Palmares* and comprehend how a member of the São Paulo elite observed different racial groups.

Keywords: Novel; Historical Resources; Paulistas; Scientific Theories.

Resumen

Publicada inicialmente en el diario *A Constituinte*, entre mayo y julio de 1880, la novela *Palmares*, escrita por el médico, hacendado e historiador paulista Joaquim de Paula Souza, luego tendría su primera y única versión en libro cinco años después. Si bien su tema es la vida de los paulistas de la época colonial, a quienes se atribuye la destrucción de Palmares, esta obra también dialoga con su contexto de producción y circulación, marcado por el movimiento abolicionista y la creciente presencia de teorías científicas en los discursos de intelectuales brasileños. Así, a la luz de la historiografía que estudia el final del siglo XIX y discute estas teorías en Brasil, el objetivo del artículo es analizar *Palmares* y comprender cómo un miembro de la élite paulista observaba los diferentes grupos raciales.

Palabras-claves: Novela; Fuente Histórica; Paulista; Teorías Científicas.
